

Narrar, lembrar, esquecer: Os 35 anos da Igreja Universal na Folha Universal e na Folha de Portugal¹

Marco Túlio de Sousa, Carlos Alberto de Carvalho

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)², Brasil. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)³, Brasil

marcotuliosousa@hotmail.com, carlosalcarvalho@yahoo.com

Resumo: O presente texto problematiza questões referentes às relações entre memória, jornalismo e sociedade tendo como objeto de análise textos veiculados por dois jornais impressos da Igreja Universal no Brasil e em Portugal quando da comemoração dos seus 35 anos de existência. Partindo do conceito de memória, de Paul Ricoeur (2007), articulado às suas reflexões sobre as narrativas, objetivamos perceber os modos como a denominação constrói e legitima, a partir do jornalismo, elementos constitutivos de sua história, bem como apaga outros.

Palavras chave: memória; jornalismo; religião; Igreja Universal; Paul Ricoeur

1. Submetido a 15 de Outubro de 2014 e aprovado a 15 de Novembro de 2014.

2. Avenida Coronel José Máximo, 200 - São Sebastião, MG, 36202-284, Brasil.

3. Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-901, Brasil.

Narrative, remember, forget: The 35 years of the Igreja Universal in the Folha Universal and in the Folha de Portugal

Abstract: This paper discusses issues concerning the relations between memory, journalism and society having, as the object of analysis, texts published by two newspapers of the Igreja Universal in Brazil and in Portugal during the celebration of their 35th anniversary. Based on Paul Ricoeur's

(2007) concept of memory, that is articulated to his reflections about the narratives, our purpose is to realize in what means the denomination builds and legitimizes, through journalism, certain elements of Universal's history as well as erases others.

Keywords: memory; journalism, Igreja Universal, Paul Ricoeur

Introdução

A CRIAÇÃO dos calendários obedeceu em seus primórdios a critérios religiosos. A partir de um acontecimento fundador que diz da inscrição do Sagrado, de algo da ordem do sobrenatural na vida cotidiana ou, como nos diz Mircea Eliade (s.d), de uma hierofania, é que o calendário se estabelece. Esse marco passa a orientar e organizar os homens nas suas atividades, apontando para uma diferença entre um tempo profano e um tempo sagrado, no qual são rememorados e atualizados os mitos, por meio de celebrações, festas e rituais.

Posteriormente, datas de cunho político e social foram incorporadas. Independentemente dos objetivos particulares das demarcações nos calendários (comemorações, festas, luto), há em comum uma tentativa de se impor um “dever de lembrar de algo” (Ricoeur, 2007). Ou seja, as datas especiais funcionam como mecanismos pelos quais os indivíduos são levados a atualizar uma memória coletiva de modo narrativo, fazendo com que eles se lembrem das histórias que as fundamentam.

Atualmente os veículos de comunicação, principalmente os jornais, ao recuperarem tais narrativas atuam alimentando a memória coletiva, como também são alimentados por ela (Berkowitz, 2011). Também podem colaborar para a construção de uma memória coletiva, dada a sua ampla inserção na sociedade. Neste trabalho, partimos das discussões do filósofo Paul Ricoeur sobre a memória para refletir sobre os modos como a Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD) construiu narrativas sobre si mesma por meio de textos dos jornais *Folha Universal* e *Folha de Portugal*, de propriedade da denominação no Brasil e em Portugal, quando da comemoração de seus 35 anos de existência.

Partimos de alguns dados históricos que situam a IURD em relação às denominações religiosas e ao contexto da sua fundação no Brasil e chegada a Portugal, de modo que nos seja possível pensar as articulações entre memória e narrativa na análise dos textos que celebram os 35 anos da igreja.

O neopentecostalismo e a IURD

O neopentecostalismo é herdeiro do movimento pentecostal, que surge no início do século XXI nos Estados Unidos e se espalha por todo mundo em pouco tempo. As igrejas neopentecostais mantêm algumas práticas de suas predecessoras pentecostais, tais como antiecumenismo, presença intensa na mídia, estímulo à expressividade emocional, atuação de líderes carismáticos, pregação da cura divina e participação na política partidária. Porém, de acordo com Ricardo Mariano (1999), podemos notar quatro grandes diferenças: “1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade” (Mariano, 1999: 36); e o fato de tais igrejas se estruturarem administrativamente como empresas.

Resulta destas características a ruptura com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais. Esta ruptura com o sectarismo e ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo. E isso representa uma

mudança muito grande no movimento pentecostal. A ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo. (Mariano, 1999: 36)

A primeira denominação neopentecostal chega no Brasil na década de 60. A pouco conhecida Igreja da Nova Vida desempenha uma função importante para a história do neopentecostalismo no país. Fundada em 1960 pelo missionário canadense Walter Robert McAlister no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, a Nova Vida tem papel fundamental para a formação de Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares. Depois de 15 anos atuando como pregador na igreja Macedo, seu cunhado Romildo Ribeiro Soares e Roberto Lopes se separam da Nova Vida para fundar, em 9 de julho de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus. Em um primeiro momento RR Soares, como é conhecido, ocupa o posto de líder máximo da igreja, sendo também seu principal pregador. Contudo, sua liderança começa a ser superada por Macedo, que adquire crescente apoio entre fieis e pastores da igreja por meio de um programa de 15 minutos que apresentava na Rádio Metropolitana do Rio. Macedo vence a disputa interna e Soares sai para fundar em 1980 a Internacional da Graça.

Em sua breve existência a Universal apresentou crescimento expressivo. Entre as evangélicas aparece em quarto lugar no número de adeptos, segundo dados do Censo do IBGE de 2010, sendo superada pela Assembleia de Deus, Batista e Congregação Cristã do Brasil, todas mais antigas do que ela. Em relação às neopentecostais, continua sendo a maior do Brasil e se espalhou por mais de 80 países, com números significativos na Argentina, Uruguai, Portugal e países africanos de língua portuguesa (Corton et al, 2003)⁴.

Seja em território nacional ou no exterior observa-se um investimento maciço na inserção em espaços midiáticos. Segundo Modesto (2012), a IURD possui 71 emissoras de rádio, 23 canais de televisão, dentre eles o seu maior empreendimento midiático, a *Rede Record*. A denominação também é proprietária do periódico *Folha Universal*. Conta com a maior gravadora gospel

4. A publicação é de 2003 e os dados estão desatualizados. De acordo com uma matéria publicada na Folha de Portugal em julho de 2012 e que foi analisada neste trabalho a Universal está presente em 181 países. Porém, não temos condições de confirmar tal informação.

do país, a *Line Records* e o portal *Universal.org* (<http://www.universal.org/>). Em Portugal é detentora de diversas rádios e transmite conteúdo religioso por meio da *Record Internacional*, canal livre na TV a cabo. Além disso, possui o jornal *Folha de Portugal* e um portal próprio (<http://centrodejuda.pt/>).

No entanto, se tal presença da igreja na mídia permanece nos diferentes países, suspeitamos que a forma como isso ocorre não seja homogênea. Ao adentrar em um novo contexto cultural a IURD procura se adequar ao ambiente, retraindo elementos de seu repertório religioso e incorporando novos de acordo com as características locais (Mafra, 2003; Swatowski, 2010).

Em Portugal a igreja enfrentou uma forte resistência na sociedade, sendo duramente criticada por jornais que destacavam fatos que colocavam em xeque a idoneidade da instituição dando destaque às denúncias de charlatanismo e envolvimento com o narcotráfico enfrentadas por Macedo no Brasil. A igreja se tornava conhecida por “roubar dinheiro dos fiéis”, pela “gritaria” em seus cultos e pelas fortes críticas às religiões adversárias, com ênfase no catolicismo (Swatowski, 2010: 173-175).

A maneira encontrada para superar esta crise foi a reconfiguração da sua estratégia de implantação em Portugal, a começar pela liderança: Carlos Rodrigues foi escolhido como novo bispo. Além de ter a nacionalidade portuguesa, destacava-se seu perfil conciliador. Assim, passou-se a ter mais cuidado com as críticas à Igreja Católica. Também é importante frisar que em 2003 os templos passaram a se chamar “Centros de Ajuda Espiritual”.

a mudança para “Centro de Ajuda Espiritual” sugere uma tentativa de dissociar a imagem da denominação à pretensão de ser uma igreja e aponta para um local de prestação de serviços espirituais. Aqui, é interessante lembrar a ponte que se cria com os grupos chamados new age, onde a palavra “espiritualidade” é utilizada em contraposição a religião enquanto instituição que propõe a adesão doutrinária. O novo nome do espaço de culto da IURD também se aproxima do contexto new age na medida em que sugere uma imbricação entre terapêutica e “espiritualidade” (Swatowski, 2010: 181-182).

No marco dessas diferenças é que pensaremos as narrativas jornalísticas da IURD na comemoração dos seus 35 anos de existência, atentos às diferenças contextuais entre Brasil e Portugal. Como se trata do esforço de construção de uma memória oficial, traços de esquecimento se conjugam com estratégias de forjar uma memória favorável.

Narrativa, memória, esquecimento

Começamos por essa nota muito simples segundo a qual as recordações são, por assim dizer, narrativas e que as narrativas são necessariamente seletivas. Se somos incapazes de nos lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar; a ideia de narrativa exaustiva é uma perfeita insensatez. (Ricoeur, 2003: 7)

O excerto acima traz algumas indicações valiosas, a saber: 1) a memória possui uma dimensão narrativa; 2) a impossibilidade de tudo lembrar implica que a narrativa, por natureza, possui um grau de seletividade; 3) se não podemos lembrar e narrar tudo é porque o esquecimento é constitutivo de nossa memória e, portanto, não seria necessariamente algo negativo. A citação foi retirada de uma palestra proferida pelo autor em 2003 em que tratava de temas relacionados à sua obra *A memória, a história e o esquecimento*. Nela, o autor sugere uma tipologia para a memória segundo os usos e abusos da mesma. Assim, teríamos a memória impedida, a memória comandada e a memória manipulada.

A memória impedida relaciona-se ao inconsciente freudiano e corresponde à compulsão pela repetição que marca a impossibilidade de se conscientizar do acontecimento traumático. A segunda tem a ver com um imperativo político de esquecimento que toma forma na figura da anistia. O terceiro tipo se relaciona à narratividade e ao caráter seletivo da narrativa. Ou seja, fazer sobressair certos elementos tem como contrapartida obscurecer outros. “Ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro” (Ricoeur, 2007: 459).

Embora a seletividade seja constitutiva da narrativa (e, conseqüentemente, da memória manipulada), Ricoeur nos alerta para os usos e abusos que possam

eventualmente ser feitos. O autor se refere principalmente a questões de ordem político-ideológica que têm a ver com a história oficial de um grupo, povo, nação etc. Assim,

As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. Para quem atravessou todas as camadas de configuração e refiguração da narrativa desde a constituição da identidade pessoal até a das identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, **está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial.** (Ricoeur, 2007: 459, grifos nossos)

Muitas vezes tais narrativas são impostas por uma potência canônica que não apenas estabelece sua narrativa como a mais importante, mas reafirma, por meio do medo e da persuasão, que ela é a única aceitável, impedindo outros atores sociais de narrarem a si mesmos e relegando suas histórias ao esquecimento. Embora a grande preocupação do autor seja com as narrativas históricas oficiais, ele reconhece que outras instâncias narrativas estão articuladas à memória coletiva, podendo também ser pensadas a partir do que ele chama de memória manipulada.

A memória coletiva não está privada de recursos críticos; os trabalhos escritos dos historiadores não são os seus únicos recursos de representação do passado; concorrem com outros tipos de escrita: textos de ficção, adaptações ao teatro, ensaios, panfletos; mas existem igualmente modos de expressão não escrita: fotos, quadros e, sobretudo, filmes. (Ricoeur, 2003: 6)

A existência de diferentes modos narrativos pode fazer emergir a criticidade e instaurar conflitos devido às diferentes representações do passado que concorrem entre si. Embora esse tema seja caro a uma discussão de caráter ético-filosófico que diz respeito de maneira especial à historiografia, deixaremos a questão neste

ponto, já que escapa ao nosso objetivo no presente texto. Interessa-nos aqui a abertura que o autor concede a outras construções narrativas e que nos leva a problematizar o jornalismo como também um lugar em que se faz memória.

De acordo com Dan Berkowitz (2011), pensar o jornalismo a partir das suas relações com a memória coletiva implica em historicizá-lo, fugindo a uma visão que considera apenas os critérios da objetividade jornalística sem perceber, inclusive, o lastro social que os constitui. Trabalhando com linha de pensamento semelhante, Carolyn Kitch (2008) afirma que o jornalismo é um lugar em que se compartilha sentidos sobre o passado, sendo que para a maioria das pessoas é a primeira e a principal fonte de acesso ao passado recente. Assim, a autora propõe que o jornalismo deve ser pensado como um primeiro rascunho da História e também da memória. Berkowitz (2011) concorda com a autora, mas vai além.

Although it is often said that ‘News is a first draft of history’, it is equally plausible that history helps journalists create a first draft of news (Kitch, 2008). Often, these historical accounts become the main source of historical memory, so that news becomes not only a first draft, but a final one, too (Zelizer, 1993). (Berkowitz, 2011: 203)

Para além de ser um conjunto de histórias que constrói a História e a memória coletiva, o autor observa que há uma relação de mútua alimentação entre jornalismo e memória coletiva. Para que suas narrativas tenham ressonância junto ao público, o jornalismo se ancora na memória coletiva. Ao mesmo tempo, ao produzir narrativas sobre o passado ele colabora para a construção e renovação de tal memória.

Pensar o jornalismo como esse dispositivo cujas narrativas alimentam e são alimentadas pela memória coletiva nos faz retornar a Ricoeur. Nos três tomos de *Tempo e Narrativa* (2010) o autor reflete sobre como o tempo se torna humano ao se articular de modo narrativo. Baseado nas aporias do tempo de Agostinho e na poética de Aristóteles, Ricoeur defende que a narrativa deve ser pensada como uma representação criativa. Assim, representação não significa mera cópia, mas um processo em que o narrar configura mimeticamente um mundo textual a partir das experiências do ser no mundo. Na composição narrativa o

autor identifica três momentos que compõem o que ele vai chamar de “tríplice mimese”.

A “tríplice mimese” confere dinamicidade e revela o aspecto circular da narrativa, em sentido virtuoso e hermenêutico: a circularidade não é repetição, mas ação que visa compreender o mundo de modo narrativo e as próprias narrativas a partir das suas articulações com o mundo narrado. Desse modo, vai-se de um tempo “prefigurado” (experiência vivida pelo sujeito), passando-se pelo tempo “configurado” (marcado pela presença daquele que narra) até o tempo “refigurado” pela narrativa (no qual destaca-se a participação ativa do leitor, responsável por acrescentar imaginativamente novos elementos à narrativa).

A operação mimética em toda a sua complexidade implica um movimento criativo, seja por parte daquele que narra ou dos que re(-con-)figuram a narrativa na leitura. Carvalho argumenta que podemos pensar a narrativa jornalística a partir de Ricoeur, considerando as dimensões que envolvem a tríplice mimese em sua articulação com o conjunto social.

Não nos parece infundado propor que o mesmo é aplicável às narrativas jornalísticas em seu haver com o mundo social. E especialmente, que os acontecimentos narrados pelo jornalismo trazem a marca de um mundo prefigurado, mediados pela configuração dos narradores jornalísticos, mas somente adquirindo sentido pleno, embora não necessariamente unívoco, a partir das múltiplas leituras de que são objeto. (Carvalho, 2012: 181)

Por fim, pensar as narrativas jornalísticas pelo eixo das questões relacionadas à memória que os atores jornalísticos disponibilizam com base em públicos e questões próprias ao conjunto social nos leva a considerar aquilo que se procura fazer lembrar, mas também o que se omite, o que é relegado ao esquecimento. São elementos como estes que procuraremos problematizar a partir daquilo que a Universal conta sobre si no Brasil e em Portugal, por meio de suas publicações que buscam objetivar os discursos religiosos pela estratégia das narrativas jornalísticas.

Folha Universal e Folha de Portugal

A *Folha Universal* e a *Folha de Portugal* correspondem a periódicos impressos de propriedade da IURD veiculados no Brasil e em Portugal, respectivamente. A *Folha Universal* conta com uma tiragem de aproximadamente 1,8 milhão de exemplares. Já o jornal português tem números bem mais modestos, apresentando uma publicação média de 56 mil exemplares.

Apesar das escassas informações, podemos perceber diversas semelhanças entre os dois jornais, o que nos faz supor que o jornal brasileiro pode até mesmo ter servido de inspiração para a versão portuguesa. Ambos foram fundados no ano de 1992, sendo que o periódico lusitano levou primeiramente os nomes de *Tribuna Universal* e *Folha Universal*, sendo que em 2003 ganhou o nome que leva até os dias de hoje. Outras semelhanças: circulação semanal; abrangência nacional; utilização do formato tabloide; temáticas variadas; caderno específico da Igreja Universal.

No tocante às seções, a *Folha Universal* conta com: editorial (título: recado da redação); Sete Dias (o que foi notícia na última semana, com conteúdo diverso que vai desde política e economia a entretenimento e frases de celebridades); Especial (que contempla temas variados a que se quer dar destaque), Geral, Corpo, Esporte, Ponto Final (matéria que ocupa a última página). Também compõe o jornal um caderno especial denominado *Folha IURD*, que traz informações específicas sobre a igreja, depoimentos de fieis que tiveram suas vidas transformadas, artigo assinado por Edir Macedo e matérias diversificadas que de alguma forma se relacionam com a Universal. No interior da *Folha IURD* há a *Folha Mulher*, que traz conselhos, depoimentos e artigos voltados para as fieis da denominação.

A *Folha de Portugal* possui estrutura bem parecida, contando com: editorial, Sete Dias, Portugal, Tema Capa (com a reportagem de capa da edição), Desporto (esportes), Bem-estar (matérias sobre saúde e beleza), Olhar feminino; O destaque (matéria da última página do jornal). Há também um caderno dedicado às atividades da Igreja Universal em Portugal que leva o nome de *Folha Centro de Ajuda*, com conteúdo semelhante ao da *Folha IURD*.

Como podemos perceber, em termos de formato ambos são bem parecidos, o que corrobora a hipótese de o jornal brasileiro ter servido de modelo para o português, haja vista a presença anterior da *Universal* no Brasil e o fato de a versão portuguesa ter levado o nome de *Folha Universal* por algum tempo. No tocante às diferenças, a *Folha Universal* possui um tamanho maior, com cerca de 32 páginas, e a *Folha de Portugal*, 24. Além disso, a seção dedicada às mulheres vem incorporada à *Folha IURD* no periódico brasileiro, no português trata-se apenas de uma página que consta fora da *Folha Centro de Ajuda*.

Ainda no tocante ao conteúdo, notamos que a maior parte das matérias poderiam integrar qualquer outro jornal. Na edição analisada a *Folha de Portugal* apresenta uma matéria com dados sobre a imigração em Portugal e de portugueses no Brasil e em outros países europeus. Um bom exemplo na *Folha Universal* se encontra na página de esportes em matéria que trata da demissão do técnico Leão no São Paulo. Os dois exemplos parecem traduzir uma proposta comum nos dois periódicos, qual seja, reivindicar para si o lugar na vida das pessoas de um jornal de caráter nacional, abrangendo assuntos de interesse para qualquer público.

Não obstante, isso não significa que assuntos que possuam relação com temáticas religiosas não possam aparecer e de que a própria IURD venha a estar presente nos textos. Na edição analisada a capa da *Folha Universal* referia-se a uma matéria da *Folha IURD* (Fogueira Santa de Israel). Além disso, há uma notícia sobre o crescimento do número de evangélicos no Brasil na seção Ponto Final. Em um determinado momento destaca-se o papel da IURD nessa questão. Por outro lado, a matéria sobre os 35 anos vem na *Folha IURD*.

Já na *Folha de Portugal* há um encarte antes da capa que remete à Campanha da Fogueira Santa de Israel, abordado na *Folha Centro de Ajuda*. Na capa figura uma chamada sobre os 35 anos da igreja. A matéria referente localiza-se na seção reportagem. O editorial da edição também foi dedicado à data.

As observações realizadas nos permitem inferir que nos dois periódicos a fronteira entre o que é e o que não é exclusivamente religioso é tênue e por vezes não são claros os critérios para tal definição. Como semelhança, percebemos uma tentativa de os periódicos se apresentarem como jornais que interessariam

um público mais diverso do que aquele potencialmente interessado apenas em assuntos religiosos, podendo atingir a um número maior de pessoas.

35 anos de Igreja Universal: lembrar e esquecer

A fixação de uma data diferenciada no calendário implica estabelecer um dever de memória. Se antes tais demarcações eram de origem estritamente religiosa, tendo a ver com acontecimentos míticos fundantes de uma religião, hoje pode-se dizer que tal mecanismo se espalhou pelos diversos setores da sociedade. Em alguns casos tal recurso está ligado à comemoração. De aspecto profundamente religioso, as comemorações evocam e reatualizam eventos fundadores a partir de cerimônias e rituais que nos remetem a uma narrativa que lhes confere sentido (Ricoeur, 2007: 60).

No presente caso celebra-se não a fundação da religião cristã, mas sim algo do nosso tempo, ou seja, a fundação de uma igreja que, embora tenha na Bíblia e em Cristo referências máximas, rearticula alguns sentidos da tradição cristã. Para destacar a importância da data a Universal lançou mão de ações que dissessem ao mundo da sua história. A que ganhou mais destaque foi o lançamento do primeiro volume de uma trilogia sobre a vida de Edir Macedo. Além disso, o programa Domingo Espetacular, da Rede Record, dedicou um programa inteiro (cerca de 1 hora) à história da igreja. Nos dois periódicos notamos que a celebração dos 35 anos foi pouco explorada.

A Folha Universal apresentou uma reportagem especial sobre o tema em duas páginas inteiras de interior do jornal. Já na Folha de Portugal os 35 anos figuraram em chamada na capa, no editorial e em uma matéria de uma página, esta também localizada no interior do periódico. Passemos aos textos, primeiro a Folha Universal.

As duas páginas dedicadas à data fecham a Folha IURD. A reportagem veio no caderno Especial e tem como título e subtítulo, respectivamente: “Igreja Inovadora”, “IURD completa 35 anos e cada vez mais surpreende com o seu trabalho”. Ocupando parte significativa do espaço gráfico duas imagens de multidões: a primeira sem identificação de local; e a segunda com texto indicando

a presença de milhares de pessoas em estádio de futebol de Joanesburgo, África do Sul.

As imagens, o título e o subtítulo enfatizam a grandiosidade da IURD, seja pelas fotos que apresentam multidões ou pelo título e subtítulo da matéria, que trazem significantes como “inovadora” e “surpreendente”, marcando distinções em relação às suas concorrentes. Tais diferenças se expressam no plano quantitativo (os números da IURD) e qualitativo (a de uma igreja moderna, diferente das demais). Embora celebrar os 35 anos sugira pensar no passado, os elementos citados chamam a atenção por mostrar o lugar da IURD no presente em solução de continuidade para o futuro.

O início da matéria remete de forma indireta a outra matéria presente nesta edição do periódico, que trata do aumento do número de evangélicos no Brasil. Assim, o texto começa explicando que boa parte do crescimento dos cristãos não católicos está relacionada com a existência da IURD. Em seguida, recupera-se brevemente a história da fundação da igreja.

A história começa com um jovem evangélico que largou seu emprego, como funcionário público, para se tornar pastor e pregar em um coreto, no Jardim do Meier, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Com trabalho de evangelização, bispo Edir Macedo expande a IURD para outros Estados e países, transformando a Igreja na segunda maior denominação evangélica do País, sendo a primeira do segmento neopentecostal. (Folha Universal, 2012: 11i)

Edir Macedo é apresentado como líder e fundador da igreja. A transição entre o momento fundador (“pregar em um coreto”) para a condição atual (“segunda maior denominação evangélica do país, sendo a primeira do segmento neopentecostal”) é feita de forma abrupta, sendo que as informações são marcadas por imprecisões, omissões e informações de caráter duvidoso. Exemplos: não se cita o fato de Edir Macedo ter sido umbandista; seu ingresso na Igreja da Nova Vida (primeira igreja neopentecostal brasileira); a participação de Roberto Lopes e Romildo Ribeiro Soares (RR Soares) na criação da igreja; a imprecisão quanto ao tamanho da IURD, que não é a segunda maior denominação evangélica do país, mas na verdade, a quarta.

O que segue é um relato em que se procura a todo instante evidenciar a grandiosidade da igreja e seu futuro promissor. Assim, fala-se do conglomerado midiático da IURD, que inclui: a própria Folha Universal (“1,8 milhão de exemplares”), a Rede Aleluia, revistas, gravadoras, o portal Arca Universal (“que já foi até tema de mestrado”) e o blog de Edir Macedo (“campeão de acessos”). Curiosamente não se cita a Rede Record de Televisão, de propriedade de Macedo. Esta lacuna pode ter a ver com a postura adotada pela própria emissora de não se apresentar como um canal religioso. As referências à presença da IURD na mídia novamente destacam a força da igreja em duas frentes: seu poder de investimento financeiro e forma diferente de se evangelizar. A essas duas características soma-se uma terceira: o trabalho social desenvolvido pela igreja. Este último, agregado ao fato de o portal da IURD ter sido “até tema de mestrado”, conferiria reconhecimento social.

Além disso, são apresentados diversos projetos sociais da instituição e na página seguinte há um box com 4 iniciativas que possuem este aspecto. Alguns dos projetos citados: programas de alfabetização, prevenção às drogas, combate à Aids (distribuição de camisinhas na África), bullying (passeatas), combate à violência doméstica contra a mulher. No referido box há um pequeno texto introdutório em que se diz que a IURD “pauta seus ensinamentos na Bíblia Sagrada, mas busca levar às pessoas ferramentas de como usar a fé de forma inteligente” (Folha Universal, 2012: 12). Interessante notar como discursivamente “Bíblia Sagrada” se opõe a “forma inteligente”, de modo a apontar para uma visão de que a religião e a Razão estão plenamente dissociadas, sendo aquela um meio de alienação enquanto esta a que proporcionaria a verdade liberdade aos seres humanos. O trabalho social que funciona como ferramenta para “usar a fé de forma inteligente” seria, portanto, uma maneira de se responder a grupos resistentes à Universal, que lhe acusam de radicalismo.

Voltando ao texto fora do box, ele continua com ênfase no que a IURD se tornou e no que pode se tornar, evidenciando elementos que apontem para a sua grandeza. Assim, passa-se a procurar aproximar os trabalhos sociais com as ações de caráter religioso. Cita-se, por exemplo, o trabalho de evangelização em presídios e hospitais e outros que não possuem vinculação com problemas sociais de forma mais imediata, como a Escola Bíblica Infantojuvenil.

Ainda no tocante à evangelização percebemos um segundo movimento, que para além de relacionar a evangelização com o trabalho social, parece querer mostrar a conexão com o caráter inovador da igreja. Fala-se, por exemplo, que em cada projeto realizado a IURD pensa no conforto e no bem estar espiritual. Seus templos são padronizados, “climatizados, confortáveis e as pessoas tem um lugar digno para buscar a Deus. A organização da igreja é singular e este é um dos motivos de seu sucesso” (Folha Universal, 2012: 12).

Em seguida, há dois entretítulos. Os textos reafirmam o caráter inovador aliado ao papel da igreja em duas frentes: a religiosa e a cultural. Primeiramente, fala-se do Templo de Salomão, em São Paulo, cujas dimensões superam “um estádio de futebol” e que tem “duas vezes a altura do Cristo Redentor”. O segundo exemplo é o Centro Cultural de Jerusalém (CCJ). Ele apresenta uma réplica (maquete) da cidade santa e recebe uma média de 4 mil visitantes por mês.

A matéria da Folha Universal constrói uma memória da IURD situada no presente marcado pelo sucesso e que desliza para um futuro promissor. Isso ocorre devido à ênfase constante em sua grandiosidade decorrente do modo inovador como trabalha em várias frentes. Nos textos veiculados na Folha de Portugal sobre a IURD tal ênfase também aparece, mas ancorada em pilares distintos.

O periódico português abordou os 35 anos da Igreja Universal por meio de uma chamada na capa, um editorial e uma matéria de uma página. A edição também conta com encarte sobre a Fogueira Santa de Israel (culto mais importante da IURD) que antecede a capa. Na capa o destaque é para uma matéria sobre brinquedos perigosos no lar, havendo uma chamada que trata do aniversário da IURD que tem como título: “35 anos a vencer todas as barreiras”.

Abaixo do título o texto diz: “Foi o bispo Edir Macedo que começou o movimento que tem contribuído para salvar milhões de pessoas em todo o Mundo. Sendo a IURD uma árvore que tem gerado muitos e bons frutos em mais de 181 países” (Folha de Portugal, 2012: 1). Assim como na *Folha Universal* o foco é direcionado ao sucesso da IURD, no entanto, isso ocorre de maneira distinta. Se no outro periódico o foco da matéria se dá na modernidade com que a Universal atua nas mais diversas frentes, no jornal português a atenção se

desloca para uma ideia de constante superação de problemas e sucesso em suas empreitadas.

Ao tratar dessa história a instituição vê-se personalizada na figura de seu líder, Edir Macedo. Os desafios por ele enfrentados também são os desafios de sua igreja. Assim, no editorial encontramos o título “35 anos de lutas e vitórias”. O texto recupera a história da fundação da IURD e apresenta Macedo como aquele que foi injustiçado e passou por todas as dificuldades, superando-as. O editorial começa referindo-se ao momento fundacional da IURD: as pregações de Macedo no coreto.

A Igreja Universal do Reino de Deus começou num coreto, num bairro da zona norte do Rio de Janeiro, com a fé de um homem, o qual foi apelidado de sonhador e louco. Mesmo sendo desprezado por todos, não o foi por Deus, pois dentro de si existia a certeza de que um dia aquele movimento evangelístico iria difundir o Evangelho pelos quatro cantos do Mundo (Folha de Portugal, 2012: 2).

Assim como na matéria da *Folha Universal* constrói-se a história da IURD a partir de um lugar de fundação: a pregação de Macedo em um coreto. O texto faz um movimento entre o passado que foi e o futuro que se concretizou no que hoje (o momento em que o texto foi veiculado) a Universal é. Essa distensão no tempo que liga o passado ao presente acompanha todo o editorial, que fala da história da IURD por meio da vida de seu líder máximo. Este tensionamento temporal acompanha a tessitura da narrativa, a qual mostra Macedo como injustiçado, perseguido, mas ao mesmo tempo vitorioso e de caráter inquestionável. O texto continua:

Todavia, estes 35 anos não foram um mar de rosas, muito pelo contrário, teve de enfrentar a prisão de forma injusta. Mas este não foi o único problema que o senhor bispo Macedo enfrentou ao longo destas três décadas e meia, já que, de forma quase cíclica, são lançadas suspeitas sobre sua conduta e honestidade. E apesar de todas as notícias orquestradas para destruir a obra por si fundada, esta tem conseguido superar todas as barreiras. (Folha de Portugal, 2012: 2)

As denúncias contra Macedo são tratadas como perseguição. Interessante notar que em nenhum momento elas são especificadas ou seus inimigos são mencionados no texto. O fato de se dizer que tais obstáculos surgem de forma cíclica sugere uma solução de continuidade com o presente e o futuro.

O texto informa que nos 35 anos de história a Universal chegou a “mais de 181 países” – não seria o caso de especificar o total? – e beneficia 300 milhões de pessoas “e, em muitos casos, tem chegado mesmo a substituir-se ao Estado, através da doação de alimentos, roupas, e, acima de tudo, de uma palavra de esperança” (Folha de Portugal, 2012: 2). Neste momento enfatiza-se a importância social da IURD. Por fim, o texto encerra dizendo que a Universal tem ajudado milhares de pessoas a saírem da pobreza e se tornarem empresários e saúda a IURD pela sua história: “que venham mais 35 anos de lutas, conquistas e vitórias” (Folha de Portugal, 2012: 2).

Prevalece um discurso de vitimização e heroísmo sobre Edir Macedo: ao mesmo tempo em que ele é mostrado como alguém escolhido por Deus e destinado ao sucesso em seu trabalho, teve que superar perseguições. Trabalho que se destaca pela importância da IURD no campo social, “substituindo o Estado”. Esta mescla da história pessoal de Edir Macedo com o trabalho social desenvolvido pela denominação também aparece na reportagem de uma página dedicada aos 35 anos e que tem como título: “Mais de 300 milhões de beneficiados”.

Além do texto verbal, as imagens parecem querer indicar o percurso histórico da denominação. Abaixo do símbolo dos 35 anos encontramos cinco imagens: 1) o coreto onde Macedo iniciou suas pregações; 2) Macedo jovem lendo a bíblia; 3) Macedo pregando em um templo; 4) Macedo já um pouco mais velho falando ao microfone; 5) Concentração enorme de pessoas em local não identificado.

A série de fotos cola a história da denominação à de seu líder. No texto isso reaparece no início da reportagem, quando também se faz referência ao momento fundador da IURD (o coreto) e que ele teria sido influenciado pelo Espírito Santo. Em seguida, fala-se da presença da IURD no mundo, aproximando sua história com a presença em Portugal.

Mas depressa os 1500 lugares da Igreja da Abolição passaram para 2000 e daí para o Mundo. E, em 1980, a IURD iniciou seu trabalho nos EUA (...). Chegando em Portugal em dezembro de 1989, país que ajudou a desenvolver o trabalho evangelístico em toda Europa e Ásia. Ao longo destes anos, a IURD tem realizado em todo o Mundo um trabalho de verdadeiro serviço público nas mais diversas áreas, saúde, reconstrução de lares, recuperação financeira e sentimental, ajudando, dessa forma, a poupar muito dinheiro aos Estados onde está inserida. (Folha de Portugal, 2012: 12)

Destaca-se a centralidade de Portugal na história da IURD. Em seguida especifica-se que obra seria essa realizada pela IURD: um trabalho que está atrelado às preocupações sociais. O fato de se colocar no lugar do Estado e fazer com que eles poupem muito dinheiro realça tal função, ao mesmo tempo que traz um efeito de identificação muito forte, considerando que Portugal passava por grave crise econômica.

O último parágrafo da matéria diz respeito à presença da igreja na mídia, afirmando sua importância para que a denominação chegue a todo o mundo. Nas duas imagens há referências diretas a isto. Uma delas, situada na parte inferior esquerda, contém um convite para que o internauta acesse a “iurdtv”, canal *online* com programação televisiva da IURD. Na imagem da direita tem-se o bispo Júlio Freitas, apresentador de programas na rádio e na TV em Portugal.

Embora a cobertura da *Folha de Portugal* tenha sido menos detalhista que a da *Folha Universal*, notamos um esforço diferenciado para se atingir o mesmo objetivo: destacar grandeza da IURD. Para tanto, há um esforço em se colar a história de Edir Macedo à da igreja, sendo este mostrado como homem escolhido por Deus. A segunda frente pela qual busca-se criar uma boa disposição no público em relação à denominação diz respeito às ações por ela realizadas, vistas como trabalho social e auxílio ao Estado.

Memória e Narrativa

Conforme indica nossa análise, os dois jornais procuram exaltar a grandeza da IURD, mas para tanto fazem uso de recursos distintos. Pensando nos marcos teóricos da noção de memória manipulada desenvolvida por Ricoeur (2010a) e nas relações entre memória e jornalismo em Berkowitz (2011) podemos entrever algumas luzes que nos ajudam a entender as escolhas adotadas pelos dois jornais ao tratar de um mesmo fato.

A memória manipulada implica um grau de seletividade e o jornalismo busca se atrelar a elementos de uma memória coletiva a fim de que a narrativa tenha ressonância junto ao público e este reconheça no processo de refiguração um mundo que também é seu. Assim, era de se esperar que ainda que dissessem de um mesmo fenômeno com o mesmo propósito (fazer um elogio à IURD) isso ocorresse a partir da seleção de elementos distintos tendo em vista as distintas memórias coletivas de Brasil e Portugal.

Isso fica evidente pelo foco que é dado nos diferentes textos: pensando no cenário econômico brasileiro em que a *Folha Universal* foi vinculada com sua perspectiva de crescimento e melhoria em 2012, fica mais clara a opção de se mostrar a IURD como a “igreja inovadora” em suas diferentes frentes de atuação e também se destacar os números que comprovam tal “grandeza”. Na *Folha de Portugal* tal destaque se expressa a partir dos desafios e injustiças constantes supostamente enfrentados por Edir Macedo e suas vitórias, as quais estão concretizadas nas atividades realizadas pela denominação, vistas como trabalho social. Ao falar das dificuldades e do trabalho social da IURD que, como dito textualmente, “poupa muito dinheiro aos Estados”, parece que se busca identificação com a situação vivida naquele momento por Portugal: crise econômica, desemprego e o Estado se mostrando incapaz de lidar com estes problemas.

Ainda no tocante às diferenças percebemos que o grau de personalização na *Folha de Portugal* é bem maior do que na *Folha Universal*, principalmente no editorial, embora ambas deem destaque à figura de Macedo. Uma explicação possível é que a IURD encontrou sérias dificuldades para se estabelecer em Portugal devido à imagem negativa e às denúncias sofridas por seu líder máximo.

Se no Brasil Macedo construiu uma imagem ambígua com o tempo, enfrentando acusações de abuso da fé por meio da exploração econômica, incluindo processos judiciais e mesmo prisão por um período, em Portugal ele já chega com uma imagem negativa construída, da qual procura se desfazer. As narrativas indicam que a estratégia, coerente com a noção de memória manipulada, foi transformar Edir Macedo em vítima de injustiças, e não em quem efetivamente enfrentou, no Brasil, processos judiciais.

Outras ausências – típicas dos processos de seleção da memória – ficam por conta da não menção da participação de outros atores na história da IURD, que acabaram por se desligar da igreja (RR Soares, Roberto Lopes, Waldemiro Santiago) e das acusações de exploração financeira dos fieis; intolerância religiosa, que se expressa pela demonização dos cultos-afro brasileiros e pelo ataque a ícones da igreja católica, sendo o caso mais famoso o chute à imagem de Nossa Senhora Aparecida durante programa de TV da Igreja Universal; processos na justiça e dificuldades na implantação em outros países. Em Portugal um episódio marcante foi a tentativa de compra do Coliseu do Porto, espaço de grande importância cultural para os portugueses. Com o vazamento da informação na imprensa a mídia portuguesa passou a levantar suspeitas sobre as práticas iurdianas, bem como informações sobre polêmicas em que a IURD esteve envolvida no Brasil. A contragosto da IURD o negócio não se concretizou e o espaço foi adquirido por uma associação local (Swatowski, 2010). Quando tais fatos têm lugar nas narrativas aparecem de forma “embaçada”, que não permite entrever as dificuldades enfrentadas pela Universal e que funcionam no plano textual apenas como um modo de apresentar Macedo e a igreja como perseguidos e injustiçados, mas ao mesmo tempo abençoados pelo poder de Deus, o que explicaria suas vitórias.

É neste movimento, apagando alguns elementos e valorizando outros, que as narrativas sobre a Universal aparecem nos dois jornais. Recupera-se um passado de desafios que se estendem no presente vitorioso cuja promessa é de que tal sucesso se prolongue no futuro, ainda que de forma distinta em contextos que se ancoram em diferentes memórias coletivas.

O mais importante para os nossos propósitos analíticos, no entanto, está no uso de narrativas jornalísticas que em alguns momentos se sobressaem

às religiosas, como se as últimas sofressem de suspeitas não imputáveis às primeiras. No mínimo parecem afirmar, pelo conjunto de estratégias adotadas, que a utilização de diversas formas de mídia está a serviço de algo próximo a uma perda de credibilidade do puramente religioso, abrindo campo para outras investigações sobre as relações entre narrativas jornalísticas e religião. Ao menos no que diz respeito à IURD há muito a explorar sobre a estratégia de uso intenso de diversas mídias, característica que, como vimos na descrição histórica do movimento neopentecostal, é um dos diferenciais relativamente a outras correntes religiosas. E não somente no tocante à memória manipulada, mas também a outros elementos que constituem problema nas relações entre jornalismo e religião a partir dos desafios teóricos e metodológicos impostos em análises sobre narrativas.

Referências Bibliográficas

- Berkowitz, D. (2011). Telling the Unknown through the Familiar: Collective Memory as Journalistic Device in a Changing Media Environment. In: NEIGER, M.; MEYERS O.; ZANDBERG, E. (eds). *On media memory: Collective memory in a new media age*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan, pp. 201-212.
- Carvalho, C. A. (2012). Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. In: *MATRIZES*. Ano 6, n 1, pp. 169-187.
- Corton, A.; Dozon, J. P.; Oro, A. P. (orgs). (2003). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas.
- Eliade, M. (s.d.) *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

Folha de Portugal. (2012) Edição nº 446. Disponível em: <http://issuu.com/iurd.pt/docs/folha446/19?e=2134997/5408535>. Acesso: 20/09/2013.

Folha Universal. (2012). Edição nº 1057. Disponível em: <http://www.calameo.com/read/00072479775b06cfd1e09>. Acesso: 20/09/2013.

Kitch, C. (2008). Placing journalism inside memory – and memory studies. In: *MemoryStudies*. vol. 1 no. 3, pp. 311-320.

Mafra, C. (2003) A Igreja Universal em Portugal. In: Corton, A.; Dozon, J. P.; Oro, A. P. (orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas.

MARIANO, R. (1999). *NeoPentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola.

Modesto, C. F. (2012). 34 anos de evangelismo eletrônico. In: *Observatório da Imprensa*. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed694_34_anos_de_evangelismo_eletronico. Acesso: 12/08/2013

Ricoeur, P. (2007) *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas (SP): Editora da Unicamp.

Ricoeur, P. (2010). *Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica – Tomo I*. São Paulo, Martins Fontes.

Ricoeur, P. (2003) *Memória, história e esquecimento*. Texto apresentado na conferência “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia. Acesso: 15/09/2013.

Swatowiski, C. (2010). Claudia Wolff. Igreja Universal em Portugal: tentativas de superação de um estigma. In: *Intratextos*, nº especial 01, pp. 169-192. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/416a> Acesso: 05/11/2012.

┌

|

└

—

—

└

|

┌